

Cunhada faz ameaça ao candidato

Dora Tavares de Lima

BRASÍLIA — A mulher de Leopoldo Collor, Regina, telefonou sábado para uma amiga de seu cunhado Fernando, em Maceió, e fez uma ameaça que, minutos depois, chegou aos ouvidos do candidato do PRN. “Se o Fernando ganhar e não atribuir publicamente a vitória ao Leopoldo, vou aos jornais e faço pior que a Maria Helena.” Regina referia-se a Maria Helena Amaral, que durante nove anos foi assessora de Leopoldo e, nesta semana, deixou a campanha, denunciando que o depoimento de Míriam Cordeiro, ex-namorada de Lula, que fazia sérias acusações ao candidato petista, foi comprado por NCz\$ 200 mil.

Este é o episódio mais recente de uma crise que durante toda a campanha envolveu a família, alguns amigos íntimos e assessores de Collor, principalmente Cláudio Humberto Rosa e Silva, responsável pela parte de imprensa. Leopoldo e Regina, tidos como um casal de temperamento difícil, não falam com Rosane, mulher de Collor. Paulo Octávio, amigo de adolescência e coordenador da campanha em Brasília no primeiro turno, já disse a mais de uma pessoa que quer “dar um tiro” em Cláudio. Pedro, outro irmão do candidato, só entrou na campanha em outubro e Ana Luísa, outra irmã, nunca se engajou.

A família, na verdade, só acreditou na candidatura depois da explosão nas pesquisas, em maio. No início do ano, Leopoldo reclamava, dizendo que Cláudio Humberto estava levando o nome de seu irmão

“ao ridículo, com essa história de Presidência da República”. Quando aderiu, um dos primeiros atos foi o de portador de uma doação, em dinheiro e automóveis, do empresário Abílio Diniz. Collor teria mandado devolver tudo, apesar dos protestos de Leopoldo. “Ele ficará muito ofendido”. O candidato encerrou o assunto. “Ofendido estou eu, porque ele é empresário de um dos setores (supermercados) que mais contribuem para o aumento da inflação.”

Na mesma época, a mãe, D. Leda, deu uma entrevista à revista “Cláudia” dizendo que “esse é um país tão louco, que até meu filho pode ser presidente.” Foi ela quem criou um dos maiores problemas para Collor durante a campanha. Em julho, quando o candidato estava na Europa, soube que a mãe chamara o ator Tião Macalé de “negro desdentado”. “Minha mãe? Não é possível”, reagiu Collor quando soube, em Roma, quando já estava preparado para as acusações de racismo. Agora, no último mês da campanha, D. Leda estava totalmente enganada. Ficou todo o tempo no Rio Grande do Sul, mas sempre criticando o assessor de imprensa do candidato no Estado, Lahyre Escobar, porque ele tinha cabelos compridos e usava brincos.

Uma das poucas datas que ficaram marcadas na memória dos assessores foi a de 18 de março. Nesse dia foi lançado oficialmente o PRN, no Rio. Pedro Collor estava na cidade e não apareceu. Juca Colagrossi, que dirigiu os primeiros programas do horário gratuito, e Belisa Ribeiro, que o substituiu, também tiveram problemas com a família do candidato, que sempre telefonava para o estúdio de gravação querendo dar palpites. Terminaram os dois em desgraça. Belisa sofreu críticas diretas de Leopoldo e até do cunhado de Collor, embaixador Marcos Coimbra, que já chamou a jornalista de “desclassificada e incompetente” em público.